

HANNAH ARENDT: DIANTE DA FRAGILIDADE DO MUNDO, A MODÉSTIA DO CRÍTICO

Ana Livia Castanheira¹

Resumo

O presente texto foi elaborado como uma reação ao capítulo "O frágil mundo no *in-between*: a destruição totalitária e a modéstia do pensamento crítico – Hannah Arendt" (capítulo 5) contido no livro de Rodrigo Cordeiro, "Crise e Crítica". Realizo, portanto, uma reflexão acerca do papel modesto do intelectual diante do mundo e de suas crises a partir da leitura que Cordeiro realiza da filósofa alemã. Procuo apresentar indícios da percepção que Arendt possuía acerca de intelectuais públicos, não apenas em sua crítica aos "profissionais", mas também a partir das qualidades que identificou, por exemplo, no comportamento de Sócrates e Karl Jaspers. O intelectual surge então como um *flâneur* que é capaz de se afastar do ritmo incessante da vida, observar o fluxo e então parar para pensar. Na sequência, o modesto papel do intelectual é compreendido como o de "guardião" e garantidor da existência do espaço necessário entre os homens no qual a humanidade, e o próprio mundo público, pode se expressar – o *in-between*.

Palavras chave: Intelectual; Hannah Arendt; *in-between*; pensamento; ação.

HANNAH ARENDT: IN THE FACE OF THE FRAGILITY OF THE WORLD, THE MODESTY OF THE CRITIC

Abstract

This text was written as a reaction to the chapter "The fragile world in the *in-between*: totalitarian destruction and the modesty of critical thinking – Hannah Arendt" (chapter 5) in Rodrigo Cordeiro's book, "Crisis and Criticism". I therefore reflect on the modest role of the intellectual in the face of the world and its crises, based on Cordeiro's reading of the German philosopher. I try to present indications of Arendt's perception of public intellectuals, not only in her criticism of "professionals", but also based on the qualities she identified, for example, in the behavior of Socrates and Karl Jaspers. The intellectual then appears as a *flâneur* who is able to step away from the incessant rhythm of life, observe the flow and then stop to think. Next, the intellectual's modest role is understood as that of "guardian" and guarantor of the existence of the necessary space between men in which humanity, and the public world itself, can express itself – the *in-between*.

Key words: Intellectual; Hannah Arendt; *in-between*; thought; action.

¹ Doutora em Ciências Sociais (2023) pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro. Possui bacharelado e mestrado na mesma área pela Universidade Federal de Juiz de Fora. E-mail: ccastanheiraana@gmail.com.

HANNAH ARENDT: ANTE LA FRAGILIDAD DEL MUNDO, LA MODESTIA DEL CRÍTICO

Resumen

Este texto fue escrito como reacción al capítulo “El frágil mundo *intermedio*: la destrucción totalitaria y la modestia del pensamiento crítico – Hannah Arendt” (capítulo 5) del libro de Rodrigo Cordeiro, “Crisis y crítica”. Para ello, reflexiono sobre el modesto papel del intelectual ante el mundo y sus crisis, a partir de la lectura que Cordeiro hace de la filósofa alemana. Intento presentar indicios de la percepción que Arendt tiene de los intelectuales públicos, no sólo en su crítica a los “profesionales”, sino también a partir de las cualidades que identificó, por ejemplo, en el comportamiento de Sócrates y Karl Jaspers. El intelectual aparece entonces como un *flâneur* capaz de apartarse del ritmo incesante de la vida, observar el flujo y detenerse a pensar. Posteriormente, el modesto papel del intelectual se entiende como el de “guardián” y garante de la existencia del espacio necesario entre los hombres en el que la humanidad, y el propio mundo público, pueden expresarse: el *entre*.

Palabras clave: Intelectual; Hannah Arendt; *entre*; pensamiento; acción.

Introdução

O presente texto foi elaborado como uma reação ao livro de Rodrigo Cordeiro (2022), “Crise e Crítica”, principalmente ao capítulo “O frágil mundo no *in-between*: a destruição totalitária e a modestia do pensamento crítico – Hannah Arendt” (capítulo 5), no qual o autor pensa a crise e a crítica a partir da obra da autora. Com essa leitura, foi possível experimentar, através da perspectiva de crise e crítica em Arendt, um outro olhar sobre o amálgama de crises em que o país se encontrava e ainda se encontra.

A pandemia contribuiu para intensificar uma série de questões, comumente chamadas de crises, com as quais estamos lidando no âmbito político, econômico, moral entre outras. Angustiava a ideia de que havíamos perdido a capacidade de nos comunicar uns com os outros, porque os parâmetros normativos estavam (e acredito que ainda estão) em disputa, ocasionando uma espécie de Babel moral. Surgiu então, em meio a essa reflexão, a questão quanto ao papel dos intelectuais diante disso.

Não havia parado para pensar e questionar o ponto de partida das angústias que me envolviam, de perceber que ele tinha como pressuposto a compreensão de crise como patologia, de crítica como terapia e do intelectual como um terapeuta. Então me deparei, no livro de Rodrigo Cordeiro, com a ideia de fragilidade do mundo e da modéstia do pensamento crítico assim como, e esse é o meu ponto neste texto, da modéstia do papel do intelectual.

Tendo isso como ponto de partida, realizo uma reflexão acerca dessas questões colocadas a partir da obra de Cordeiro (2022), focando principalmente no papel modesto do intelectual diante do mundo e de suas crises. No que se segue, apresento um panorama de Hannah Arendt, abordando tanto sua trajetória quanto seu entendimento do pensar e do agir, passando também pela leitura que apresenta de alguns intelectuais em sua obra "Homens em tempos sombrios" (2008). Almejei apresentar uma compreensão do fazer intelectual a partir de Hannah Arendt e da leitura que de sua teoria nos apresenta Cordeiro (2022).

Hannah Arendt nasceu em 14 de outubro de 1906 na Alemanha. Nasceu em uma família judia e confessou que até a ascensão do Nazismo, o qual infelizmente presenciou, não havia sentido ainda o marcador social revelado por sua religião (ARENDR, 2010). Faleceu no dia 04 de dezembro de 1975 em Nova York, EUA.

Ainda adolescente teve seu primeiro contato com Rosa Luxemburgo, a quem sua mãe admirava. Com apenas dezesseis anos leu Kant, o que a estimulou para a filosofia e culminou na sua passagem pelas Universidades de Marburg e de Freiburg, onde teve contato com a tradição filosófica alemã, até finalmente chegar a Universidade de Heidelberg, onde se doutorou sob a orientação de Karl Jaspers² com uma tese sobre o conceito de amor em Santo Agostinho (JOANS, 2000). Ela era mulher, judia e alemã e viveu

² Karl Theodor Jaspers nasceu Oldemburgo, Alemanha, em 23 de fevereiro de 1883. Faleceu dia 26 de fevereiro de 1969 na Basileia, Suíça. Foi um filósofo e psiquiatra alemão. Hannah Arendt encontrou-se com Jaspers, que eventualmente passou a orientá-la, depois de Heidegger, durante sua passagem pela Universidade de Heidelberg. Arendt e Jaspers, além da relação de orientanda e orientador, desenvolveram uma íntima relação de amizade que ficou eternizada em profunda atividade epistolar. Cf. ARENDR, Hannah. Karl Jaspers, Correspondence: 1926–1969 (Lotte Kohler and Hans Saner, eds.). 1992

praticamente três quartos do século XX (69 anos, para ser mais exata), de maneira que perpassou por muitos dos eventos que marcaram esse século, sendo influenciada por eles. Sua vida foi marcada por diversas experiências, dentre as quais se destaca, como a já mencionada ascensão do Nazismo na Alemanha da década de 1930, o Holocausto e a Segunda Guerra Mundial que a forçaram a sair de seu país. Também é válido citar que, já nos EUA, pôde acompanhar o Movimento pelos Direitos Civis e que, quase na mesma época, foi enviada para Israel onde acompanhou o julgamento de Eichmann. Seu grande amigo, Hans Joans³, tinha conhecimento de como ela foi afetada nessas experiências (algumas das quais também compartilhou) assim como de quem ela era em sua intimidade. Em um texto escrito em sua homenagem, é assim que Joans (2000) apresenta Hanna Arendt

filha de pais judeus alemães altamente educados; herdeira de uma longa tradição intelectual e estética que remonta aos gregos; observadora e descritora da dissolução desta tradição na Idade Moderna; passageira do navio do século XX, testemunha e vítima dos seus violentos choques, amiga de muitos companheiros marcados pela viagem deste navio; uma mulher de beleza magnética com uma sensibilidade imperturbável para a diferença entre amizade com homens e mulheres, que é a marca de uma verdadeira natureza: a sua afirmação incondicional de todas estas circunstâncias da sua própria condição humana pertence indissociavelmente à imagem que espreita por detrás da história desta vida única (JOANS, 2000, p. 23, tradução nossa)⁴

Todas essas experiências levaram-na a se tornar uma intelectual ativa, preocupada com o mundo que demonstrava tanto amar. Ela parece ter assumido para si a missão de contribuir para que o

³ Hans Jonas fazia parte do círculo de amigos (entre intelectuais e artistas) de Hannah Arendt no período em que morou nos EUA.

⁴ Original: "la hija de padres judíos alemanes sobremanera cultos; heredera de una larga tradición intelectual y estética que se remonta a los griegos; observadora y descriptora de la disolución de esta tradición en la Edad Moderna; una pasajera del barco del siglo XX, testigo y víctima de sus violentas sacudidas, amiga de muchos compañeros marcados por el viaje de este buque; una mujer de una belleza magnética con una imperturbable sensibilidad por la diferencia entre la amistad con hombres y mujeres, que es la característica de una naturaleza verdadera: su afirmación incondicional de todas estas circunstancias de su propia condición humana pertenece de manera inseparable a la imagen que asoma detrás de la historia de esta vida singular." (JOANS, 2000, p. 23)

abismo do totalitarismo, com suas consequências horrendas, não voltasse a acontecer. Para tanto, era necessário antes compreender o que é o totalitarismo e como ele aconteceu. Na sua trajetória em busca de compreensão, tornou-se uma das intelectuais mais importantes e influentes do século XX.

No que se refere a intelectuais e ao meio intelectual, sabemos que Arendt se decepcionou com amigos filósofos que, diante da ascensão do Nazismo, demonstraram simpatia para com a ideia de “pensamento único”. Tentando compreender o motivo, esbarrou na tradição filosófica alemã que nutria uma posição de distanciamento do mundo, principalmente das questões públicas e, portanto, políticas (ARENDR, 2010). Mas Arendt encontrou outros intelectuais que desfizeram essa visão pessimista e que se mostraram preocupados com as questões que afetam o mundo que os rodeava.

Inspirada pelo poema de Brecht, Hannah Arendt deu o título “Homens em Tempos Sombrios” para um livro que apresenta uma coletânea de ensaios sobre diversos pensadores da primeira metade do século XX que, de alguma forma, ousaram iluminar o mundo com suas ideias. Através dele percebemos que Arendt mudou sua percepção acerca dos intelectuais. Dentre as personalidades analisadas, existe uma que se sobressai devido a sua relação próxima e marcante com a filósofa: Karl Jaspers, seu orientador. Pois ele nos é apresentado como um intelectual-modelo, um filósofo comprometido com o âmbito público, com a pluralidade e com a liberdade. Nesse sentido, o ensaio sobre seu orientador nos dá pistas sobre como Hannah Arendt encaixava os intelectuais em sua forma de ver o mundo.

***“In-between”*: como Hannah Arendt concebe o mundo**

Hannah Arendt pode ser considerada como uma das grandes mentes que existiram no século XX. Suas obras tornaram-se relevantes, pois tratam, em sua maioria, de um dos maiores males que já se abateram sobre a Terra: o totalitarismo, principalmente na forma do Nazismo que a afetou diretamente. O contexto fez com que duas de suas características fossem enfatizadas: sua nacionalidade alemã e sua origem judia. Assim, observamos como

essas experiências marcaram sua vida e obra, pois percebemos que ela passou sua vida tentando compreender como o totalitarismo se tornou possível e as consequências que dele herdaríamos.

Uma das ideias de Hannah Arendt que mais se disseminou foi acerca da ação, o meio através do qual a pessoa é capaz de mudar o mundo (ARENDR, 2000, at all). O conceito de ação foi mais bem explicado em seu livro "A Condição Humana" no qual trata das atividades que conformam a *vita activa* da humanidade. A *vita activa*, em sua leitura, é formada por três atividades: labor, trabalho e ação. A primeira trata da atividade biológica do corpo e tem como condição a vida, nela ocorre a ação de si para si; a segunda trata da produção/criação de um mundo para o ser humano, conformando então a artificialidade originada do encontro do homem com as coisas, sua condição é a própria mundanidade. A terceira é a atividade que prevê a relação entre os homens sem qualquer outra mediação e corresponde a condição da pluralidade (ARENDR, 2007, p. 15). Para a autora, a ação é a condição de toda vida política porque carrega em si a potência de um novo início. É principalmente sobre essa atividade que Hannah Arendt devota sua atenção, pois, para ela, a pluralidade é a própria condição humana, sua fonte de liberdade; é o reconhecimento de que cada indivíduo que nasce é único, diferente de todos que existem, existiram e existirão.

O reconhecimento da pluralidade nos é importante porque a diferença cria um espaço entre os seres humanos, espaço que simultaneamente os separa e os une. É dentro desse espaço, o "*in-between*", que a ação é possível (CORDERO, 2022). Para alimentar a pluralidade os seres humanos devem ter consciência de si e do mundo e assim serem capazes de expressar sua unicidade. Nesse sentido, pode-se dizer que há um movimento dialético no qual o indivíduo se separa do mundo para depois retornar a ele através do reconhecimento mútuo da diferença.

Então, para a autora o mundo não consistiria apenas em seu caráter objetivo, mas seria também e principalmente num espaço intersubjetivo. É um espaço que permite que a pluralidade floresça, por isso é também um espaço instável e frágil. No entanto, essa fragilidade, como nos aponta Rodrigo Cordero (2022), é justamente

a sua força e não sua fraqueza, como intuitivamente poderia parecer. A fragilidade resulta da imprevisibilidade e instabilidade causada pela liberdade que possuímos e, desta maneira, a sustentação desse espaço frágil depende da garantia de que qualquer um tenha a possibilidade de expor suas opiniões publicamente. Trata-se de reforçar a própria condição humana compreendida como a coexistência entre os seres humanos e não a existência d'O ser humano no singular (AREDT, 2000). Como bem colocado por Cordeiro, o *in-between*

é uma categoria que designa um mundo de relações constituído pela presença de outros e não por uma identidade substantiva que nos leva de volta a uma unidade original e para um destino em comum. Implica uma ontologia social radical na qual a nossa existência individual é, desde o início, a convivência e associação com outros indivíduos capazes de falar e agir. (2022, p. 194).

Ainda neste sentido, destaca-se que um dos aspectos que Hannah Arendt (2008) enfatiza em seu ensaio sobre Lessing é o fato dele priorizar a amizade ao invés da fraternidade. Pois para ele, nos diz Arendt, a fraternidade coloca os indivíduos como iguais (irmãos) e surge em meio a um grupo de pessoas oprimidas devido a alguma razão em comum. Com esse apontamento, quer indicar que a fraternidade se origina do sofrimento e, conforme Arendt, "não resistiria sequer um minuto após a libertação" (ARENDR, 2008, s/p). A amizade, no entanto, reforça os laços apesar e a partir das diferenças e, diferente da fraternidade, encontra-se presente também, e principalmente, na alegria, de forma a estar a todo o momento no mundo e não apenas em tempos sombrios.

Conforme Arendt (2008), Lessing considerava a amizade como um fenômeno central no qual podemos observar a verdadeira humanidade. Então, a importância política da amizade, para voltarmos à forma como Arendt concebe o mundo, se deve ao seu significado para os gregos no qual "a essência da amizade consistia no discurso", no sentido de que apenas "o intercâmbio constante de conversas unia os cidadãos numa *polis*" (2008, s/p)

Essa conversa (em contraste com a conversa íntima onde os indivíduos falam sobre si mesmos), ainda que talvez permeada pelo

prazer com a presença do amigo, refere-se ao mundo comum, que se mantém “inumano” num sentido muito literal, a menos que seja constantemente comentado por seres humanos. Pois o mundo não é humano simplesmente por ser feito por seres humanos, e nem se torna humano simplesmente porque a voz humana nele ressoa, mas apenas quando se tornou objeto de discurso. Por mais afetados que sejamos pelas coisas do mundo, por mais profundamente que possam nos instigar e estimular, só se tornam humanas para nós quando podemos discuti-las com nossos companheiros. Tudo o que não possa se converter em objeto de discurso — o realmente sublime, o realmente horrível ou o misterioso — pode encontrar uma voz humana com a qual ressoe no mundo, mas não é exatamente humano. Humanizamos o que ocorre no mundo e em nós mesmos apenas ao falar disso, e no curso da fala aprendemos a ser humanos (ARENDE, 2008, s/p).

O mundo, então, apenas pode existir através da participação ativa das pessoas na esfera pública e, principalmente, na garantia de que as pessoas possam se expressar nessa esfera, ou seja, através da multiplicidade de perspectivas que permitem que os indivíduos que estão em relação consigam conceber o mundo também por outros olhares.

Ainda no ensaio, Arendt (2008) reforça a crença de Lessing quanto à impossibilidade de encontrar uma verdade única e absoluta e a certeza de sua inexistência seria a razão do debate incessante, tendo em vista que a existência de uma verdade provocaria o silêncio e com ele o fim desse mundo. Não obstante, conforme a autora, é através do pensamento, isto é, do recolhimento para a companhia apenas de si mesmo que o indivíduo conforma uma opinião sobre si, suas vivências, suas relações e sobre o mundo. Na quietude do pensamento não diferenciamos entre conhecimento, significados, desejos etc., de maneira que pode parecer que encontramos a verdade. Mas, tão logo essa ‘verdade’ seja expressa na esfera pública ela se torna uma opinião e será “contestada, reformulada e conduzida a um tema de discurso entre outros” (ARENDE, 2008, s/p).

A ideia de fragilidade está em íntima relação com a potencialidade própria da condição humana, pois comporta a instabilidade inerente a liberdade de pensamento e ação necessários para a expressão da pluralidade que compõe o mundo

- o *in-between* (CORDERO, 2022). Isto é, a relação pública entre a unicidade dos seres humanos através da expressão de suas diferentes perspectivas e experiências da realidade.

Frágil e, portanto, instável, o mundo estaria suscetível sempre a crises dos mais diferentes tipos e intensidades. A partir da leitura de Cordeiro (2022), me foi possível compreender que Hannah Arendt entende que a cada crise uma parte do mundo comum é destruída. A partir disso, uma questão emergiu: a perspectiva da autora indica um olhar relativamente positivo para essa destruição parcial desde que ela seja (e me aproprio livremente do termo) uma espécie de destruição criativa? Isto é, no sentido de destruir para poder dar espaço para o florescimento de algo novo?

Faz sentido pensar que sim, afinal, a base da filosofia de Arendt é a natalidade: ela se interessa não pelo fim, mas pelos começos, pela inovação e renovação. Nesse sentido, a fragilidade aparece como expressão própria de movimento, de espontaneidade e imprevisibilidade característicos de algo que vive, que pulsa. Fica, então, uma compreensão de que o mundo é frágil, mas é potente justamente por isso.

Em momentos de crise, no qual a fragilidade é mais vividamente sentida, de acordo com Cordeiro (2022), Hannah Arendt observava então dois dilemas para o engajamento crítico: a busca da compreensão do momento que se vive e a demanda por respostas e soluções para os problemas que se vive. Porém, isso se dá num contexto em que há falta de definições adequadas, tendo em vista que há deslocamento e disputas quanto ao significado dos conceitos, categorias, princípios etc. envolvidos nas situações de crise. Nesses momentos é essencial o esforço de manter o *in-between*, esse espaço intermediário entre os humanos, no qual é possível parar para pensar em contato com os outros e suas respectivas perspectivas (CORDEIRO, 2022). E chamo especial atenção para a ideia de parar para pensar, pois é contraintuitivo, isto é, vai de encontro com a urgência contida em uma situação crítica.

Manter o *in-between* indica estar disposto a tomar consciência da realidade através tanto da própria experiência quanto a partir da experiência de outros. Adota-se, assim, um comportamento que

vai de encontro com a tomada de ações irrefletidas, assim como contra a ação de focar no futuro esperando que as coisas se resolvam sozinhas. Podemos dizer, de acordo com a leitura que Cordeiro (2022) realiza, que Hannah Arendt entende que momentos de crise, por mais urgentes que sejam, necessitam de cautela e moderação para, então, promover um espaço para ações cautelosamente cogitadas. A partir do quadro aqui desenhado, surge então a questão deste artigo: qual o lugar dos intelectuais em meio a isso?

Quando jovem, Hannah Arendt quis se afastar do mundo intelectual pois, para ela, havia um problema inerente à profissão que parecia estar contra o mundo. Uma parte dessa percepção foi conformada através da observação do comportamento de amigos durante a ascensão de Hitler, outra se deve a tradição filosófica que tomou para si o monopólio sobre o pensar⁵ e adotou uma atitude distanciada do mundo, preocupada com as questões metafísicas (ARENDR, 2010).

Na tradição filosófica a qual se refere, e que pode ser localizada desde os gregos na antiguidade, é comum encontrarmos referência à dualidade: mundo das aparências e mundo das ideias, o visível e o invisível. No mundo das aparências existiria a *vita activa* na qual, a partir da ação, o ser humano torna-se capaz de fazer história e transformar o mundo. No mundo das ideias existiria a *vita contemplativa* através da qual se pode pensar a história, contemplar as coisas e os fatos, procurar conhecimento e tentar encontrar o sentido da vida (HELLER, 1987). Hannah Arendt, porém, tinha consciência de que as dualidades representam dois polos que possuem relação direta um com o outro. Assim, em manifesto conflito com toda uma tradição filosófica, procurou encontrar os meios pelos quais ação e pensamento pudessem se reconciliar (MORAES, 2000).

Muitas das obras de Arendt apresentam uma crítica aberta ao que chama de filósofos, revolucionários e solucionadores de problemas profissionais⁶. Em consonância, ela postula que o pensamento

⁵ Nesse ponto Arendt associa a busca pelos significados, conhecimentos e pela verdade como categorias que se confundiam nessa atitude do pensa. (ARENDR, 2010).

⁶ Expressão cunhada por Kant em "Crítica da razão pura" e que Hannah Arendt adotou. Arendt, como deixa explícito na entrevista concedida a Gunter Gauss no programa *Zur Person*, acredita

crítico não é e não pode se tornar monopólio desses agentes, já que é algo que qualquer um é capaz, isto é, que qualquer um possui as faculdades necessárias para empreender. Nesse sentido, ela elege para o pensamento crítico o modesto papel de moderador.

Antes de nos determos nessa questão, é necessário entender melhor a relação entre o pensar e agir, tal como concebidos pela autora, pois ambos aparecem como importantes aspectos de atitudes diante de momentos de crise: O parar para pensar e depois agir.

Pensar e agir: em busca da reconciliação

Para sistematizar sua compreensão do pensar e agir, Arendt planejou sua última obra, “A vida do Espírito”, que infelizmente não foi finalizada. Nesta obra, Arendt se dedica a discutir a Vita Contemplativa, em uma de suas empreitadas mais filosóficas (JOANS, 2000). Nesse sentido, essa obra e “A condição humana” (feita quinze anos antes) tratam, respectivamente, da Vita Contemplativa (pensamento, vontade e julgamento) e da Vita Activa (ação, trabalho e labor) e representam seu interesse em desvendar a relação entre esses dois mundos.

De acordo com Hannah Arendt (2000), o pensamento, observado através da metafísica, permitiria questionar sobre o significado da vida, sobre a eternidade, sobre Deus, sobre a natureza humana etc. Mas esses questionamentos pouco ou nada possuem de relação direta com os assuntos mundanos, mais especificamente, com a política. Portanto, o pensamento é compreendido como o oposto da ação. Pois, enquanto a ação ocorre entre os humanos, o indivíduo pensa apenas com seu eu pensante; enquanto a ação ocorre no mundo das aparências, o pensamento exige o afastamento rumo à quietude do mundo da contemplação (HELLER, 1987).

que Kant é uma exceção entre esses filósofos profissionais. Na mesma entrevista, ela explicita que os filósofos estão implicados na vida política, que eles não são neutros (pelo menos desde Platão) – visão que era endossada pela tradição metafísica (Arendt, 2010).

Nesse sentido, através da metafísica não seríamos capazes de reconciliar o pensamento com a ação. Assim, dentre as faculdades mentais – pensar, querer e julgar – Hannah Arendt encontra na formação do juízo uma forma de reconciliação devido a sua importância para a manutenção do mundo (do *in-between*). Pois os juízos são construídos através do pensar sobre uma ação ou ator, ou seja, sobre aspectos externos ao próprio indivíduo (JOANS, 2000). Dessa forma, em comparação com as outras duas faculdades, encontra-se em relação com a realidade. Julgar é então o processo pelo qual formamos nossas opiniões que podem vir a ser expressas na esfera pública.

Anteriormente observamos que o que provê a existência do *in-between* é o incessante debate provocado pela comunicabilidade do pensamento. O debate deve ser alimentado pelas diferentes opiniões das pessoas sobre eventos terrenos e não pelas conversas sobre si mesmos. Assim, é necessário que ocorra o duplo movimento no qual o indivíduo expressa publicamente suas opiniões acerca do que está acontecendo no mundo ao mesmo tempo em que é exposto às opiniões proferidas pelos outros. Pois, ser compreendido e compreender o outro, contrastar, questionar e reconstruir as opiniões sobre os fatos públicos é essencial para a manutenção do mundo humano.

A filósofa ressalva, no entanto, que não existem pensamentos perigosos, mas que o perigo se encontra no próprio pensar devido a liberdade e conseqüente imprevisibilidade. As crises, então, são importantes porque ancoram o pensamento em problemas reais urgentes. Contudo, da mesma maneira que somos livres para pensar, também somos livres para não o fazer. Conforme Arendt, isso é compreensível, pois pensar sobre tudo o tempo todo é exaustivo e, além disso, nosso modo de vida nos permite cada vez menos tempo para nos dedicar ao pensamento. (ARENDT, 2000)

A autora nos apresenta em "A vida do espírito" (2000) dois perigos opostos. Por um lado, ela nos diz que o pensar contém o risco do niilismo que seria o esvaziamento total de sentido. De outro lado, quando muitas pessoas se absterem de pensar, sufocam a pluralidade e permitem que tempos sombrios ocorram. Essa é uma de suas conclusões após o julgamento de Eichmann através do qual percebeu no réu a total ausência de reflexão sobre os próprios

atos: ele insistia que apenas seguiu ordens e, quando questionado sobre o que pensava a respeito das ordens, ele se voltava para a lógica distorcida apresentada pela ideologia nazista (ARENDT, 2000).

O totalitarismo, por exemplo, alcançou seu “sucesso” justamente ao aproveitar a “janela de oportunidade” que representa um mundo esvaziado de humanidade. De forma que um pequeno grupo de pessoas foi capaz de impor e disseminar um pensamento único, uma ideologia que explicava tudo na forma de elos causais que conectavam o passado e o presente e determinavam o futuro. Como ela demonstra em “Origens do Totalitarismo”, os regimes totalitários alcançaram seu sucesso a partir do investimento em propagandas que disseminavam e naturalizavam suas ideias que eram, então, absorvidas de forma irrefletida (ARENDT, 1989). Para aqueles que continuavam a pensar e rejeitavam sua ideologia e/ou não possuíam lugar dentro dela, lançaram mão do terror e da violência para isolá-los, silenciá-los e exterminá-los.

É expressivo o número de pessoas que acreditam que a felicidade está no mundo privado e, portanto, nutrem desinteresse ou indiferença pela política de forma a desabitarem o âmbito público. Independente do porquê, quando as pessoas se abstêm de pensar, falar e ouvir, seguem suas vidas de maneira irrefletida e renunciam à liberdade juntamente com a felicidade pública, que para Hannah Arendt seria a única e verdadeira felicidade (ARENDT, 2010). De acordo com Cordero

O espaço intersticial do “*in-between*” atrofia sempre que a pluralidade de seus membros é desmantelada, seja por sua fusão radical em uma massa homogênea que elimina a singularidade, seja por uma separação absoluta que os condena à existência solitária. (2022, p. 195).

Visto que o pensamento não é monopólio dos pensadores profissionais e o mundo contemplativo não é um mundo para poucos, é válido se questionar sobre qual seria o lugar dos intelectuais no mundo. Por intelectuais não estamos pensando nos especialistas, naqueles que possuem o conhecimento técnico ou que se predispõe a procurar as leis da natureza (cientistas). Estamos

nos referindo àqueles que estão interessados em pensar o mundo público, a relação entre as pessoas, as ações, aqueles que tentam compreender e sistematizar suas ideias em torno de uma narrativa que dê sentido e a qual possam compartilhar.

Como apontamos no início desse artigo, Rodrigo Cordeiro (2022), em seu livro “Crise e Crítica: sobre as frágeis fundações da vida social” dedica um capítulo para pensar a crítica dentro do pensamento arendtiano. A partir desse capítulo, intitulado “O frágil mundo *in-between*: a destruição totalitária e a modéstia do pensamento crítico”, interpretei, então que o crítico deveria agir como um guardião do *in-between*, de maneira que seus esforços contribuíssem para manter o espaço entre os indivíduos aberto, isto é, o âmbito público no qual as ações podem incorrer.

Dessa maneira, ao crítico caberia a modesta função de parar e pensar, incorporando um papel tal como do *flâneur*⁷ (figura a qual Arendt se dedica em seu ensaio sobre Walter Benjamin) que parece se encontrar em um ritmo diferente da multidão que o rodeia (ARENDR, 2008). O *flâneur* é capaz de escapar ao turbilhão que representa a vida dedicada ao trabalho e aos assuntos privados, isto é, que não vive em conformidade com o ritmo capitalista; ao invés de seguir com os outros, ele observa as pessoas e o espaço no qual se encontram para se perguntar: O que está acontecendo; onde estamos; como viemos parar aqui; para onde estamos indo e por quê. Questionamentos importantes que tratam do mundo comum e por isso dizem respeito a todos. Conforme Cordero (2022), para Arendt o crítico agiria como um moderador, iniciando e organizando o debate, lançando questões.

⁷ O tipo do *flâneur* cunhado por Walter Benjamin e trabalhado na obra “Passagens” (2006) tem como base a experiência de choque de intelectuais e artistas diante das mudanças que ocorreram na cidade de Paris, principalmente no século XIX. Parte, portanto, de uma concepção do caminhante que olha a cidade não apenas com os olhos do presente, mas levando em conta também o passado, de maneira que não se encontra alienado das transformações que ocorreram, observando-as criticamente. Tendo em vista que o *flâneur* tem uma relação com o tempo diferenciada (está em relação com o presente e com o passado), ele não assume a posição autômato comum a tantos outros habitantes da cidade, sendo capaz de parar e observar. Daí nossa interpretação do intelectual como *flâneur*, podendo, diante da torrente de acontecimentos e crises, ser capaz de parar e observá-los criticamente. Para uma sistemática do tipo do *flâneur* na obra benjaminiana, cf. – Dissertação (Mestrado): Biondillo, Rosana. Walter Benjamin e os caminhos do flâneur. USP – São Paulo, 2014.

Sócrates, Karl Jaspes e um possível *modus operandi* do intelectual

Em *A vida do espírito* (2000), Arendt parece defender a ideia de que o caminho do pensamento deve realizar uma espécie de parábola: sair da realidade, passar pela contemplação para, então, novamente retornar ao mundo. Para tanto, toma como exemplo Sócrates, ao considerar que ele caminhava facilmente entre os dois mundos: o das aparências e o das ideias. Como se fosse, e são palavras minhas, um intelectual anfíbio. Assim, parte do papel moderador de crítico Hannah Arendt encontra em Sócrates, que modestamente ensinava semear perguntas. Ele procurava por outros que, como ele, ficassem perplexos diante da vida. Ao questionar sobre o que era a justiça ou a felicidade, ele desnaturalizava palavras e valores que já se encontravam no vocabulário de seus coetâneos e eram usados correntemente (ARENDR, 2000).⁸

Como nos mostra a filósofa alemã (2000), Sócrates, devido a seu comportamento, era comparado a três coisas: um moscardo, uma arraia-elétrica e uma parteira. Primeiro, o moscardo, ou mosca grande, que incomoda e desperta aquele que dorme. Conforme Arendt (2000), para Sócrates pensar era o mesmo que estar vivo, de maneira que aqueles que não pensam se encontram em sono profundo e devem ser despertados para a vida.

Sócrates parece dizer [...]: se o vento do pensamento que agora provoquei sacudiu você do seu sono e deixou-o totalmente desperto e vivo, você verá que pode dispor apenas de perplexidades e o melhor que se pode fazer com elas é partilhá-las com os outros. (ARENDR, 2000, p. 131-2).

A arraia-elétrica, por sua vez, paralisa o outro com seu ferrão. Dessa forma, ao mesmo tempo em que ele desperta para o pensamento aquele que antes não pensava, ele o paralisa através da

⁸ De acordo com a autora, Sócrates compreenderia essas palavras como "pensamentos congelados" ou cristalizados (ARENDR, 2000). Ao promover a desnaturalização ou o estranhamento diante dessas palavras, questionando-as, Sócrates era capaz de reativar o movimento desses pensamentos e colocá-los em debate.

perplexidade diante da percepção de que os significados são escorregadios e fogem de nossa apreensão, nos tornando conscientes de que somos incapazes de tudo saber. Ainda, a paralisia causada pela arraia significa a atividade intensa do pensar a ponto de impedir o movimento do corpo: quando acreditamos que chegamos ao fim de um pensamento, ele inicia outra vez.

A terceira comparação é com uma parteira. As parteiras na Grécia antiga eram estéreis, mas possuíam o conhecimento para trazer à luz uma nova criança. No que se refere a Sócrates, Arendt (2000) indica que ele era incapaz de trazer à luz uma ideia e significado próprios e definitivos, isto é, de revelar uma verdade. E sequer pretendia isso. Estava satisfeito em se manter no furacão que é o pensamento. Porém, como uma parteira, ele ajudava os outros a parir ideias e expurgar suas opiniões assim como provia consciência através de seus infindáveis questionamentos, com os quais pretendia testar e desvelar falsas verdades (ARENDT, 2000)

Sócrates, o moscardo, a parteira, a arraia-elétrica, não é, portanto, um filósofo (ele nada ensina e nada tem a ensinar), nem um sofista, pois não pretende tornar os homens sábios. Quer apenas mostrar que não são sábios e que ninguém é sábio – uma busca que o mantém tão ocupado que sequer tem tempo para os negócios públicos e privados. (ARENDT, 2000, p.130).

Em suma, para a autora, os questionamentos de Sócrates colocavam o pensamento em movimento, pois, quando pensamos sobre os conceitos (pensamentos congelados) eles se tornam escorregadios e escapam de nossas mãos (ARENDT, 2000). Nesse sentido, para ela Sócrates representava a encarnação da reconciliação entre o pensar e agir, pois ele conseguia cambiar pelos dois mundos, o das ideias e o das aparências, sem dificuldades e até com certa naturalidade: não era um filósofo que do mundo mantinha distância, mas também não era propriamente um homem da ação.

Em consonância com sua percepção de Sócrates, Arendt afirmava que o que a movia no mundo era a necessidade de compreender.

Apesar de a ação ter um lugar central em suas obras, ela confessa que poderia viver sem agir, mas não sem tentar compreender o que quer que tenha acontecido (ARENDT, 2010). Para ficar com a terminologia que usou para falar de Sócrates (ARENDT, 2000), é como se ela sempre se portasse com perplexidade diante do mundo e se ocupava em comunicar suas perplexidades.

Durante a entrevista que concedeu para Günter Gaus⁹, ela diz que essa necessidade de compreensão lhe surgiu ainda muito nova e que foi o que a levou para o estudo da filosofia (ARENDT, 2010). Ao observarmos suas obras, podemos constatar que seu processo de compreensão está relacionado com a busca por sentido nos eventos que afetaram sua vida enquanto uma judia alemã na primeira metade do século XX. Algo que ela concretizou em seu trabalho, tendo em vista que a maioria de seus escritos são frutos diretos ou indiretos de seu esforço de compreender o que chamou de “a crise do nosso século” (ARENDT, 1989) que foi o Totalitarismo, seus inúmeros elementos, suas consequências e cicatrizes que marcaram (e ainda marcam) nossa sociedade¹⁰. No entanto, diferente de Sócrates, sua busca por compreensão lhe encaminhou para se tornar uma intelectual que expressava seus questionamentos e juízos através da escrita. Assim, suas perplexidades, reflexões, julgamentos e conclusões ficaram eternizados em livros que circulam pelo mundo.

Na entrevista anteriormente citada, Hannah Arendt confessa que, por volta de 1933, decidiu se afastar de tudo o que dizia respeito aos intelectuais (ARENDT, 2010). Ela teria ficado decepcionada e horrorizada com a constatação de que muitos intelectuais, incluso alguns amigos, aderiram à ideia de um pensamento único (Gleichschaltung) voluntariamente, ainda que por pouco tempo. Ela se perguntava como que essas pessoas, as quais considerava

⁹ Entrevista com Hannah Arendt, realizada por Günter Gaus em 1964, que faz parte de uma série de entrevistas num programa chamado Zur Person. Arendt aborda fatos de sua vida além de seus pensamentos expostos em “A Condição Humana” e “Eichmann em Jerusalém”. Pode ser assistida no youtube através do link: <https://www.youtube.com/watch?v=PG8BYwv9IBQ>

¹⁰ Conforme Arendt, o totalitarismo, principalmente na forma do nazismo, permitiu a concepção de inferno na terra e de que tudo, inclusive o mais terrível dos cenários, é possível (ARENDT, 1989).

providas de inteligência, poderiam ter se deixado levar por algo tão horrendo e ainda produzir constatações interessantes.

O que aconteceu então, em plena onda expansiva de adaptação ao pensamento único (que, aliás, então foi bastante voluntário, ou em todo caso não foi realizado sob a pressão do terror) [...] foi o vazio ao meu redor. Movi-me num ambiente intelectual, mas também conheci outros tipos de pessoas. E pude constatar que entre os intelectuais a adaptação ao pensamento único (Gleichschaltung) era, por assim dizer, a regra. Por outro lado, entre outros, não. E isso é algo que nunca esqueci. Saí da Alemanha dominada pela ideia (exagerando um pouco, claro) de nunca mais fazer isso, de nunca mais me envolver em nada que tivesse a ver com o meio intelectual, de nunca mais ter nada a ver com aquele mundo. Minha opinião certamente não era que os judeus alemães (e os intelectuais judeus alemães) teriam se comportado de maneira essencialmente diferente se estivessem em uma situação diferente. Não, essa não era a minha opinião. O que eu pensei é que a coisa tinha a ver com a própria profissão, com o mundo intelectual. (ARENDR, 2010, p. 53, tradução nossa).

Naquele contexto a autora relacionou o comportamento com a atividade intelectual em si. Ela estava se referindo ao distanciamento do mundo real praticado pelos intelectuais que se deixaram seduzir pelas ideias a ponto de não retornarem à realidade e nem se comprometerem com ela.

Para Arendt (2010), no entanto, não bastava compreender para si, era necessário comunicar seu pensamento, construir uma narrativa. O desenvolvimento da necessidade de narrar certamente proveio de seu contato com Karl Jaspers, que primeiro foi seu orientador de tese e depois se tornou seu grande amigo (ARENDR, 2008; 2010). Ele foi um importante filósofo que, como veremos a seguir, representava para ela um intelectual-modelo mais palpável e possível do que aquele tipo ideal representado por Sócrates.

Nos ensaios contidos em "Homens em Tempos Sombrios", Hannah Arendt (2008) procurou retratar a relação de marcantes personalidades com o mundo e não o mundo interno de cada uma delas. Por isso sua leitura da obra e vida de Karl Jaspers nos é interessante para avaliar as qualidades que, para ela, eram importantes em um intelectual que se pretende público, isto é, um

intelectual comprometido com os assuntos políticos. Afinal, citando Jaspers, ela reforça que “as questões políticas são sérias demais para serem deixadas aos políticos” (ARENDT, 2008, s/p). Considerando essa postulação, é possível interpretar que, na visão de Arendt, Jaspers era um filósofo de tipo diferente do modelo tradicional e pelo qual ela se deixou influenciar.

Jaspers aceitou se aventurar no âmbito público e, diferente de outros filósofos, não partilhou do preconceito para com a publicidade e sua “luz brilhante” que supostamente tornava “todas as coisas apáticas e sem profundidade” e da qual o filósofo deveria se manter distante (ARENDT, 2008, s/p). Como prova de seu comprometimento com o mundo e com as pessoas, em muitas de suas obras ele se desfez da linguagem acadêmica e conceitual para adotar uma linguagem acessível para o público geral.

Quando levamos em conta o interesse de Hannah Arendt de reconciliar pensar e agir, não seria essa a atitude de o filósofo se lançar na aventura do âmbito público, numa tentativa válida de atingir essa reconciliação? Não foi, em certa medida, o que ela própria fez? Na *laudatio* a Jaspers que escreveu (ARENDT, 2008), ela comenta sobre a atitude tímida e insegura diante do mundo público das pessoas que, como ela, eram modernas (em contraposição aos gregos, por exemplo). Mas quando pensamos nos debates e polêmicas em que estava envolvida observamos justamente o contrário: uma mulher segura e disposta a dialogar e promover debates que produzam luz sobre os mais diversos temas, ainda que não produza concretamente uma solução ou consenso.

Sua forma de escrita, a nosso ver, permite que entremos em contato com seu fluxo de pensamento: possui a forma de uma correnteza de ideias sobre os fatos que analisa, correnteza através da qual nos guia com seu raciocínio arguto e sagaz. Por vezes somos surpreendidos por sua perspectiva única que é capaz de acender em nós uma centelha, mesmo que não concordemos com sua opinião. Seus escritos podem ser vistos como um convite para o debate. Ela nos apresenta os resultados que encontrou em sua busca por compreender a história e os eventos recentes que presenciou, construindo uma narrativa capaz de iluminar. Nesse sentido, se arrisco a fazer uma leitura de Arendt a partir de seus

próprios escritos, posso dizer que ela age como Sócrates: nos desperta e nos paralisa pela perplexidade diante do mundo.

Voltando a Jaspers – sempre sob o olhar da própria Hannah Arendt (2008;2010) – descobrimos que sua reafirmação (e defesa) do âmbito público provinha da convicção de que tanto a filosofia quanto a política concernem a todos e pertencem à esfera pública “onde o que conta é a pessoa humana e sua capacidade de se demonstrar” (ARENDT, 2008, s/p). Daí o paralelo que ele realiza entre filósofo e estadista, tendo em vista que ambos têm de responder e de se manter responsáveis por suas opiniões. Conforme Arendt, Jaspers assumiu a responsabilidade que acompanhava seu desejo de iluminar¹¹ as trevas, pois “tomar para si o responder perante a humanidade por todos os pensamentos significa viver naquela luminosidade onde se testa a pessoa e tudo o que ela pensa” (ARENDT, 2008, s/p).

O pensamento de Jaspers é espacial porque se mantém sempre em referência ao mundo e às pessoas nele presentes, e não porque seja limitado a algum espaço existente. De fato, no caso dá-se o contrário, pois *sua intenção mais profunda é “criar um espaço” onde a humanitas do homem possa aparecer pura e luminosa*. Um pensamento desse gênero, sempre “relacionado intimamente aos pensamentos de outros”, está fadado a ser político, mesmo quando trata de coisas que não são minimamente políticas; pois ele sempre confirma aquela “mentalidade ampliada” kantiana, que é a mentalidade política par excellence. (ARENDT, 2008, s/p, grifo nosso).

Havia, então, uma admiração nada secreta que Hannah Arendt alimentava por Jaspers, admiração esta que cresceu ao longo dos anos através da amizade. Seu modo de ser filósofo a inspirou e dele aprendeu a importância do ouvir e falar, isto é, da comunicabilidade que quando devidamente realizada tende apenas a iluminar.

Vivemos tempos sombrios, talvez não tão sombrios quanto aos que Brecht se referia em seu poema, mas, ainda assim, marcados pela obscuridade do negacionismo e da intolerância. No momento, enquanto há fulgurosas verdades e excessivas certezas, não há

¹¹ A metáfora da luz marcou sua personalidade e, conseqüentemente, sua obra. Cf. Homens em Tempos Sombrios, Hannah Arendt. 2008

debate, no sentido de que enquanto muito se fala pouco se ouve. Nesses tempos, a razoabilidade encontra-se tímida e acuada em cantos (e pessoas). Ao mesmo tempo somos invadidos por uma onda forte de utilitarismo que tem como um de seus alvos os intelectuais das áreas de humanas, principalmente àqueles que vivem para pensar (ou pensam para viver). Aqueles que pertencem ao meio intelectual sentem, por vezes, uma angústia e um sentimento de impotência diante das obscenidades que vêm ocorrendo no mundo. Nesses momentos, voltar-se para a história e para importantes intelectuais, como é o caso de Hannah Arendt, nos ajuda a recuperar a coragem e a esperança de que o novo sempre vem.

Como demonstramos anteriormente, a questão dos intelectuais habitou sua mente na Alemanha durante a década de 1930, de maneira que somos levados a acreditar que, em alguma medida, se vigiava para não se tornar como aqueles que se comportaram de forma decepcionante diante dos eventos tenebrosos. Parte dessa preocupação se expressou em seu compromisso para com a realidade, com a comunicação e com o debate de suas opiniões e juízos a respeito do mundo¹².

Tendo em vista a desconfiança que Arendt nutria para com os “pensadores profissionais” e seu conflito manifesto com a tradição de filósofos (desde Platão e sua concepção de Rei Filósofo), somos levados a pensar sobre o lugar do intelectual no mundo. Essa questão encontra-se em relação direta com compreensão arendtiana da dualidade: pensamento e ação. Afinal, os intelectuais públicos situam-se a meio caminho dos dois mundos, pois são reconhecidos por meditar acerca do mundo e ir a público comunicar e defender suas posições, em movimentos de distanciamento e aproximação.

Assim, Karl Jasper, que se manteve firme e atento à realidade mesmo quando Hitler se encontrava no poder e trazia consigo a obscuridade, se apresenta como um forte contraponto aos

¹² Há um caso curioso que ilustra bem seu comportamento: em um congresso realizado em sua homenagem em Toronto, não aceitou ir apenas como convidada. Exigiu que fosse apresentada como um dos participantes (ARENDR, 2010), pois, ensinava tanto compreender como ser compreendida, de forma que estava disposta a desfazer quaisquer mal-entendidos sobre seus posicionamentos.

intelectuais dos quais Arendt queria se afastar. Mesmo quando possuía motivos para se refugiar no mundo das ideias, ele manteve acesa sua centelha que continuou a brilhar em busca de outras nas quais pudesse se reconhecer. Como um farol, guiava os navegantes e demonstrava-lhes que não estavam sozinhos na noite sem fim.

Através da *laudatio* (ARENDT, 2008), não tomamos conhecimento apenas do admirável intelectual que Jaspers foi, mas também conhecemos um pouco mais sobre a própria Hannah Arendt. De maneira que podemos dizer que ambos foram intelectuais que dedicaram sua vida a pensar sobre a realidade e sobre as outras pessoas, que intentaram defender a humanidade em sua extensa pluralidade e liberdade e que se preocuparam em defender, e para Jaspers seria também “criar”, o espaço entre os homens – o *in-between* – do qual o novo pode nascer.

Considerações finais

Nessa empreitada pelo pensamento de Hannah Arendt foi possível encontrar alguns aspectos que interpretei como importantes para ela no que se refere ao comportamento dos intelectuais. Se fosse elaborar uma cartilha à la Arendt (atitude que certamente repudiaria) teria, como primeiro ponto, a importância de se manter comprometido para com o âmbito público, com a realidade. Isto é, exercitar o pensamento contínuo que questiona: o que está acontecendo no mundo e como chegamos até aqui?

Outro ponto seria a despretensão de encontrar e revelar uma verdade ou solução definitiva. Através do debate entre intelectuais e com as demais pessoas, como o debate que o professor realiza dentro da sala de aula, pode-se inspirar outros para a ação diante dos problemas urgentes, ações sobre as quais seja sempre possível repensar e contestar. Dessa forma é possível manter o mundo aberto para o novo, para as transformações que sejam necessárias ou espontâneas. Para tanto, é importante ir contra doutrinas, abrindo espaço para que sejam desmistificadas.

Em consequência direta com o ponto anterior, tem-se a comunicação como ponto central, pois através dela as ideias

entram em contraste umas com as outras. Movimento necessário para ampliar consciências, tendo em vista que permite reconhecer a multiplicidade de perspectivas que existe sobre um mesmo tema.

Os intelectuais seriam, então, responsáveis por semear perguntas que despertam e que alimentam a conversa incessante, mantendo viva a amizade (no sentido grego) que caracteriza a própria humanidade. Por isso, a garantia da expressão da pluralidade deve ser protegida. Por fim, diria que é necessário também sempre manter-nos responsáveis diante do mundo e de nossos juízos.

A atitude de parar e pensar, apesar de ser modesta, é muito necessária em uma sociedade que se encontra dividida entre as necessidades materiais e o interesse exacerbado na vida privada. Precisamos de pessoas que se devotem a garantir que o espaço entre os indivíduos não seja inexistente a ponto de que se tornem uma massa homogênea, nem que seja um espaço distante demais, para que o mundo não se desfaça em inúmeras ilhas. Nesse sentido, aqueles que se comprometem com o âmbito público assumem para si a responsabilidade de incomodar e despertar os sonâmbulos, como um moscardo. De paralisar com a provocação do pensamento (como uma arraia). E, como parteira, de ajudar para que o novo nasça no mundo. Um papel relativamente modesto o desse intelectual e crítico comprometido com o mundo público, mas sem dúvida essencial.

Referências

ARENDT, Hannah. A condição humana. Tradução R. Raposo. Rio de Janeiro: Forense Universitária, ed. 10, 2007.

_____. Origens do totalitarismo. Tradução Roberto Raposo. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

_____. A vida do espírito. Tradução Antonio Abranches e Helena Martins. Rio de Janeiro: Relume-Dumará, 4ed. 2000

_____. Homens em tempos sombrios. Trad. Enise Bottman. Companhia de bolso. 2008. Sem paginação Acesso em 10 de agosto de 2020. https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/4419740/mod_resource/content/1/ARENDT%2C%20Hannah.%20Homens%20em%20tempos%20sombrios.pdf

HANNAH ARENDT: DIANTE DA FRAGILIDADE DO MUNDO, A MODÉSTIA DO CRÍTICO

_____. Lo que quiero es comprender: sobre mi vida y obra. Org. Ursula Luds. Tradução: Manueí Abella e José Luis López de Lizaga. Editorial Trotta, Madrid. 2010

_____. Karl Jaspers, Correspondence: 1926–1969 (Lotte Kohler and Hans Saner, eds.). 1992.

BENJAMIN, W. Passagens. Org. Willi Bolle. Trad. Irene Aron e Cleonice Paes Barreto. São Paulo: Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, 2006

BIONDILLO, Rosana. Walter Benjamin e os caminhos do flâneur. Dissertação de Mestrado em Filosofia. USP – São Paulo, 2014.

CORDERO, Rodrigo. Crise e Crítica: sobre as frágeis fundações da vida social. Tradução: Aberto Luis Cordeiro de Farias. Ateliê de Humanidades Editorial, Rio de Janeiro, 2022

_____. Crisis and critique: on the fragile foundations of social life. Series: Routledge studies in social and political thought. Abingdon, Oxon; New York, NY : Routledge, 2017

HELLER, Agnes. Hannah Arendt on the “*vita contemplativa*”. Philosophy & social criticism, v. 12, n. 4, p. 281–296, 1987.

JOANS, Hans. Actuar, conocer, pensar. La obra filosófica de Hannah Arendt. In: Hannah Arendt: el orgullo de pensar. Org.: Fina Birulés. Editora Gedisa. Barcelona. 2000

KANT, Immanuel. Crítica da razão pura. EDIPRO, São Paulo. 2020.

MORAES, Eduardo Jardim. Prefácio à edição brasileira. In: ARENDT, Hannah. A vida do Espírito. Tradução Antonio Abranches e Helena Martins. Rio de Janeiro: Relume-Dumará, 4ed. 2000